

NÚMERO ESPECIAL
COMEMORATIVO
DO PRIMEIRO
CENTENÁRIO DO
NASCIMENTO DE
R O C H A
P E I X O T O



ANO 63.º - NÚMERO 19
18 DE MAIO DE 1966

O COMERCIO

DA PÓVOA DE VARZIM

JORNAL REPUBLICANO E DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL AGONIA FRASCO



LA ROYAL DE VERTIM

14-2

NÚMERO
ESPECIAL

CMPV
BIBLIOT. MUN
Data 2005.11.09
Num. 89382
Cota

O COMÉRCIO
DA PÓVOA DE VARZIM

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ROCHA PEIXOTO — 18 - MAIO - 1966

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

1911

DESDE SEMPRE que "O Comércio da Póvoa" prestou o culto da sua enorme admiração e respeito pelos poveiros que, por qualquer modo, se evidenciaram não só no mundo literário, artístico e científico, como os que por feitos heróicos bem mereceram destaque especial entre os seus conterrâneos. Encontram-se neste caso Eça de Queirós, Sacra Família, Gomes Amorim, "Cego do Maio", Patrão Sérgio, Patrão Lagoa, Elísio da Nova e tantos e tantos que deixaram o seu nome imortalizado.

Rocha Peixoto foi um desses poveiros que prestigiou não só a sua Póvoa, a quem tanto amava, como prestigiou igualmente, o País, dentro dos domínios literários e científicos a que se dedicou com fervor e entusiasmo inextinguíveis.

A sua morte prematura — Rocha Peixoto morreu quando não tinha ainda 43 anos — não lhe permitiu dar continuidade a muitos trabalhos que tinha em projecto. Mas o que deixou foi o suficiente para ter legado uma obra já vasta, e sobretudo inovadora que o colocam em lugar cimeiro no campo dos estudos etnográficos do nosso País

**a nossa
homenagem
a**

António Augusto da Rocha Peixoto

Rocha Peixoto bem merece as homenagens que lhe estão a ser prestadas nesta sua terra natal que se orgulha de o contar no número dos seus filhos mais queridos e mais ilustres.

É costume já muito antigo glorificarem-se as pessoas depois da sua morte. A Rocha Peixoto não foi preciso morrer. Pôde sentir ainda em vida — a projecção que a sua notável obra conquistara nos meios estudiosos e cultos de Portugal.

Bem andou o dr. Flávio Gonçalves, outro estudioso poveiro, em chamar, a tempo e horas, a atenção dos poveiros para o evento que se aproximava. O biógrafo do Grande Sábio e um dos seus mais fervorosos admiradores interessou a Câmara Municipal e esta, dando o seu pleno acordo à ideia, chamou a si as comemorações e aprovou o programa do dr. Flávio Gonçalves.

Um dos seus primeiros números — aquele que julgamos de mais valia e que melhor calaria no coração de Rocha Peixoto — foi o de ligar o seu aureolado nome à Biblioteca Municipal onde ficaram guardados religiosamente muitos dos seus preciosíssimos livros legados em testamento à Póvoa. Depois as homenagens fúnebres. Outras se seguirão dentro do ano em curso e com certa projecção.

"O Comércio da Póvoa" sempre atento aos altos valores que têm enobrecido a sua Terra, honra-se em dar o seu contributo a essas comemorações publicando este número especial. Reconhecemos que se trata de uma homenagem modesta mas que diz bem dos sentimentos de carinho e de admiração que todos nós nutrimos pela memória do Cientista Ilustre e Grande Poveiro que se chamou: **ANTÓNIO AUGUSTO DA ROCHA PEIXOTO.**

ROCHA PEIXOTO

etnógrafo

UN HOMME N'EST RIEN QUAND IL N'EST PAS
PRODUIT DE SA TERRE.

Anatole France

por

M. VIEIRA DINÍS

Deveras ingrato o meu papel de referenciar António Augusto da Rocha Peixoto, *etnógrafo* — a faceta em que mais se evidenciou.

De começo, acentuar a influência que nele exerceram o seu interrompido curso superior, a companhia de outros valores mentais, e o programa que ele, Ricardo Severo e Fonseca Cardoso haviam traçado para a famosa revista *Portugalia*.

Nas coordenadas desse rumo o estudo da nação portuguesa «admitida como um organismo com vida própria independente — com raízes de ordem etnológica e histórica, procurando estudar o seu povo por todos os aspectos». Acrescentarei: com sentido evolutivo, de são nacionalismo, acautelando e acarinhando virtualidades contidas nas tradições e costumes.

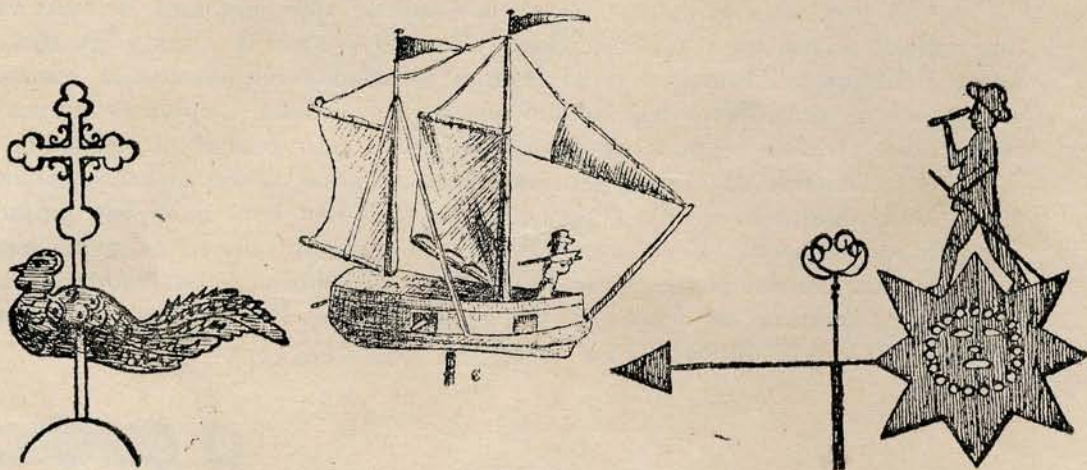
Rocha Peixoto, ornamento já manifesto a partir da fundação e presença colaborante na conceituada *Revista de Ciências Naturaes e Sociaes*, revelara-se um enamorado da Etnografia. As suas primeiras enxadas em campo tão ubérrimo e florido, estão longe de ser tecitura de tópicos, simples relato de amador; antes uma indicação segura das suas possibili-

idades de investigador arguto, criterioso, honesto — «obediente à verdade» — uma esperança promissora para mais risonhos frutos. Assim aconteceu para felicidade nossa e glória imarcescível do autor e do seu próprio ninho natal.

A palavra *etnógrafo* (do grego *ethnos*, povo, nação + *graphein* — estudo — descritivo) é um tanto ou quanto cinzenta, mortíca, incompreendida, pelo que vá de esclarecer-se: define todo aquele que carreando materiais de observação para um cadinho de ciência humanística, descreve a maneira de *ser* e *viver* de um povo — todos os fenómenos de vida e suas relações com o meio ambiente.

O nosso visado, reunindo em si primorosos dotes de inteligência e irrequieta força de vontade, soube observar, coordenar, comparar, valorizar toda a colheita de elementos atreitos aos seus estudos, divulgando depois com brilhantismo e produzindo ensaios de etnografia pura, científica, em moldes que ainda hoje servem de paradigma.

Na época em que Rocha Peixoto principiou a interessar-se pelos trabalhos etnográficos, — numa obcecação que havia de arrui-



Cataventos da Póvoa de Varzim, já desaparecidos, que Rocha Peixoto reproduziu no seu estudo *Os Cataventos* (Porto 1907)

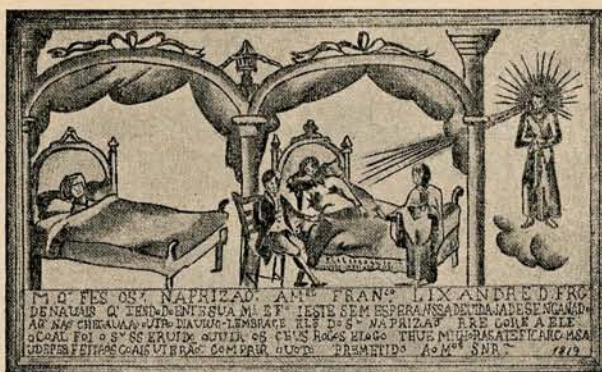
nar prematuramente a sua existência —, contavam-se pelos dedos os chamados valores de «fundo», em tal ramo de cultura e arte. Consultando os melhores autores estrangeiros, deu-nos teses de fôlego, perfeitas de base, a que associara o resultado «interno» das suas peregrinações, e o seu conceito de síntese. Folhear a revista *Portugalia* é ficar satisfeito, conhecedor e encantado pelo arrumar dos assuntos e frescura de estilo.

Vejamos que a Etnografia (no nosso caso) tem por objectivo o conhecimento do povo português tal qual é (no chamado palco do drama da vida, na frase de Leite de Vasconcelos), quer no que aparentemente cria ou

voações arcaicas, fixando aspectos, as linhas e a estrutura orgânica das habitações, coleccionando os utensílios locais e os produtos das indústrias indígenas desde a cerâmica à metalurgia, inquirindo do regime da propriedade e dos sistemas de cultura, das superstições, das crenças, dos costumes imemoriais, das lendas, da poesia popular, ou fazendo croquis dos adornos do vestuário e da ornamentação dos mais vulgares objectos de uso doméstico».

Vinte anos passaram céleres e Deus não lhe permitiu mais...

Quase a concluir, direi que a Póvoa de Varzim e seu termo concelhio gozaram de



Milagre da antiga Igreja da Misericórdia da Póvoa de Varzim, reproduzida por Rocha Peixoto no seu estudo *Tabulae Votivae* (Porto, 1906)

modifica e no todo intrínseco um pouco da sua alma—beleza, engenho, amores, vinco moral, espírito de religiosidade, aproveitamento de materiais da região, agruras do clima e amargueza da terra, laços de sangue e de interesse.

Ao contactar com o povo da serra, da ribeira e da orla marinha, Rocha Peixoto reuniu um espólio espiritual, educativo e patriótico de alta valia; essa tarefa apaixonante deu-lhe nível de etnógrafo de subido mérito, fora da vulgaridade, no alfofre que começava a vicejar.

Com fidelidade, Luís de Magalhães em 1909 deu-nos este perfil de Rocha Peixoto, no campo etnográfico: «... correu, palmilhou quase todo o País, sobretudo o Entre Minho e Douro, e Trás-os-Montes, subindo às serras, descendo aos vales, contornando o litoral, escavando nas ruínas das citânias ou remexendo nas necrópoles dos dolmens, medindo crâneos, observando tipos étnicos, visitando po-

lugar eleito nas pesquisas de Rocha Peixoto. Em cada comunicação de estudo é evidente essa presença predilecta. Referências de por menor aos ornamentos de cerâmica no remate das casas, augúrios ligados às conchas, candeias de folha, lampiões de azeite, lanternas de cortejos pios, cataventos singulares, tábuas votivas, segredos da tatuagem, filigranas, mós manuais, casas-palheiros do litoral, apeiria infantil, clamores de S. Sebastião, etc., servindo ainda a arqueologia poveira, a história dos seus monumentos, a arte local, com o agregar de amigos e devotados estudiosos.

A Póvoa de Varzim faz bem evocar a memória deste seu egrégio filho, ele que tanto trabalhou pela grei, pela dignificação da Pátria «sua segunda dama, depois da Etnografia».

Ciciemos com Eça de Queirós: Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo. Só a arte realmente pode dizer aos seus eleitos com firmeza e certeza: Tu não morres inteiramente!»

« OS HOMENS DA PORTUGALIA »

por MÁRIO AREIAS

RECORDAR «os homens da *Portugalia*» — assim ficou conhecido o núcleo de colaboradores da revista *Portugália* — é, sem dúvida, prestar significativa homenagem à memória do nosso ilustre conterrâneo, Rocha Peixoto, porque a ele se ficou devendo a coordenação e a publicação dessa notável revista de estudos etnográficos, como até então não se havia feito no país.

Esse escol de colaboradores compreendeu e comungou no *Ideal* que norteava Rocha Peixoto. Merecia, pois, ser evocado com toda a largueza, se este artigo não se limitasse apenas a uma simples nota a assinalar uma efeméride: o centenário do nascimento do eminente cientista.

Para levar à frente tão grande empreendimento, como foi a apresentação ao público dessa notável revista, chamou a colaborar os estudiosos mais cotados nos diversos ramos da Ciência, especialmente etnógrafos, arqueólogos e antropologistas. Destes últimos destaca-se Fonseca Cardoso que publicou no 2.º tomo da referida revista um estimável trabalho sobre «O Poveiro. Estudo antropológico dos pescadores da Póvoa de Varzim».

O trabalho de Fonseca Cardoso é, com efeito, o estudo antropológico mais substancial que se tem publicado a respeito dos nossos pescadores, servindo de fonte a outros, aliás poucos, que apareceram posteriormente versando o mesmo tema.

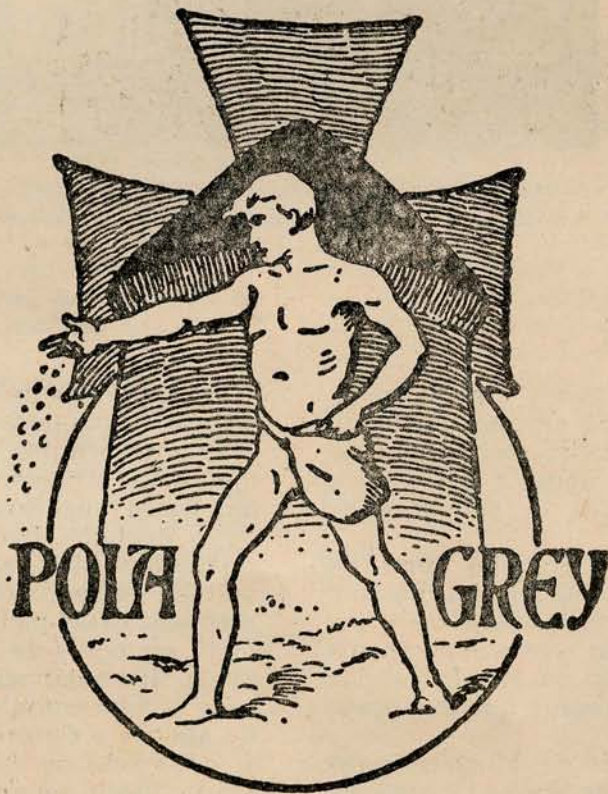
Outro trabalho assás interessante e que também nos diz respeito, é o estudo de Alberto Sampaio sobre «As póvoas marítimas do Norte de Portugal».

Com Adolfo Coelho, Albano Bellino, Alberto Sampaio, António Augusto Gonçalves e outros vultos notáveis, entre os quais se contam os arqueólogos Martins Sarmiento e Santos Rocha, fez Rocha Peixoto da *Portugália* um monumento impercível, «um arquivo nacional de materiais para o estudo do povo português — como diz o «Prospecto» de apresentação da revista — publicando aí um conjunto de «monografias de inquérito a toda uma colectividade desde as suas origens, considerando o indivíduo, as raças, os povos, na sua natureza íntima e modos de ser, usanças, civilizações, história...», etc.

Assim anunciava o referido «Prospecto» um programa que começou logo a ser cumprido com entusiasmo, procurando, sobretudo, «o fundo popular, *A GREY*, no sentido hierárquico e usual do termo». Evocava-se *A GREY*, que

era na essência e no conteúdo a chave mestra da nova publicação, criada em novos moldes para abarcar longos e vastos horizontes.

No figurativo do selo alegórico criado para distinguir a *Portugalia*, e desenhado por Enrique Casanova, encontrava-se sugestivamente representado o ideal, nobre e pretendido, dos seus criadores. No primeiro plano, um semeador, tendo por fundo um moínho, onde será



Ex-libris da revista *Portugalia* (desenho de Enrique Casanova)



PORVGALIA

Meu Ex^{mo} Amigo:

Recdem as recibas o 1^o fasc. de "Portg."

Mé tem sido, desde outubro até agora, um verdadeiro triumpho, quasi a vencer, de todos os obstáculos que hão surgido; e não obstante, a despeito dos recursos excepcionaes de que disponho - como a impetração de numerosos complices - a publicação está longe de corresponder a meus - e muito - desejos. De pouco a pouco, não posso mais ao pouco, portanto, não quer. Mas em pouco - ou a qualquer dispendio que me acenda acesa de pouco prestado...

O que eu quero agora é pedir - ou não sei se favor, se subscrição. É a uma collaboração. Certo que nem o Museu nem a Policia impedirão que eu o apresente. Com este intuito sinistro volto pois de novo a cargo.

Não me poderia dar opportunamente uma noticia acerca do trabalho de Coimbra? Não poderia escrever - ou uma notula descriptiva dos obactos d'ali? Ou ainda a accessão d'outros notulos ethnographicos de region? Cumpre ou elichis ariens recibidos em muito satisfact e subreptis e promissos que acompanharem os respectivos textos.

Se agora não consigo extrahir - ou que seja sempre consultari uma harmonica muito celebre e milagrosa que por aqui está. Et ver se elle me illumina por o conquistar...

Do seu admirador e muito devoto amigo,

Rochas Plixido

transformado em farinha para alimento o produto da colheita, e ainda, ladeando a figura do sementeiro, a divisa de D. João II: «Pola grey».

A revista *Portugalia* tornou-se, com efeito, uma inovação no quadro dos estudos etnográficos no nosso país e bastava essa publicação e o conjunto dos trabalhos aí dados a público da autoria de Rocha Peixoto para o consagrar e exigir dos vindouros o respeito e a admiração a que tem direito.

Evidentemente que a acção de Rocha Peixoto foi muito mais vasta. Não se limitou apenas à *Portugalia*. E o facto leva-nos a admirá-lo ainda mais. Pena foi que a sua vida tão curta não lhe permitisse ampliar os seus admiráveis e curiosos estudos sobre os usos e costumes do nosso povo. A sua morte constituiu uma perda irreparável para a cultura portuguesa.

Numa carta endereçada ao seu amigo e ilustre conimbricense Mestre António Gonçalves, e que julgamos ser dos fins de 1899, cujo texto transcrevemos a seguir, verifica-se que de entusiasmo não iria na alma de Rocha Peixoto, ao anunciar ao seu amigo a saída do 1.º fascículo da *Portugalia*, pedindo a este a sua valiosa colaboração e sugerindo uma notícia sobre as escavações de Condeixa:

«Meu Ex.º Amigo:

Recebeu ou receberá o 1.º fas. da «Portg». Isto tem sido, desde Outubro até agora, um verdadeiro triunfo, quase a murro, de todos os obstáculos que não surgido; e não obstante, a despeito dos recursos excepcionais de que dispomos — como a impressão do número confirma — a publicação está longe de corresponder à nossa — à minha — quimera. Ou porque o país não pode mais ou porque, podendo,

não quer. Mas eu poupo lhe a escabrosa dissertação que me acudia acerca do país prostrado... O que eu quero agora é pedir-lhe não sei se favor, se sacrificio. É a sua colaboração. Creio que nem o Museu nem a Policia impedirão que eu o apoquente. Com este intento sinistro volto pois de novo à carga.

Não me poderá dar oportunamente uma noticia acerca dos trabalhos de Condeixa? Não poderia escrever-me uma nótula descritiva das olarias daí? Ou ainda acerca doutros motivos etnográficos da região? Croquis ou clichés seriam recebidos com muita satisfação e reduzidos a gravuras que acompanhassem os respectivos textos.

Se agora não consigo extorquir-lhe o que desejo sempre consultarei uma harúspice muito célebre e milagrosa que por aqui há. A vêr se ela me ilumina para o conquistar...

Do seu admirador e m.to e obg.do amigo,

Rocha Peixoto

Este nosso apontamento limitou-se apenas a tocar pela rama uma das actividades do insigne investigador. Prestamos-lhe nesta tribuna as nossas homenagens, embora modestas, mas sinceras, como preito de respeito e de admiração por tão ilustre investigador e não menos insigne conterrâneo, a quem a Póvoa e, sobretudo, os nossos pescadores ficaram a dever tanto.

Cem anos são passados desde que nasceu este ilustre filho da Póvoa, berço de tantos outros insignes corifeus da cultura nacional. Um século não conta na história da Humanidade, mas conta bastante na história da nossa terra. Prestemos-lhe as homenagens a que tem jus e assim cumprimos o nosso dever.

Homenagens a Rocha Peixoto

No VI Congresso de Dermatologia, recentemente realizado no Porto, o Prof. Doutor Luís de Pina apresentou, na sessão de 18 de Abril, uma interessantíssima «comunicação sobre os Aspectos Psicológicos da Tatuagem». Nesse valioso trabalho, o distinto catedrático da Faculdade de Medicina do Porto pôs em destaque o mérito do estudo que acerca de *A Tatuagem em Portugal* o grande etnógrafo poveiro Rocha Peixoto já em 1892 publicara. Aproveitando a oportunidade, o Doutor Luís de Pina evocou então, diante dos membros do Congresso, o centenário do nascimento do nosso ilustre conterrâneo, considerando Rocha Peixoto um pioneiro pela maneira como, científica e psicológicamente, encarara o uso da tatuagem.

Este trabalho do Prof. Doutor Luís de Pina foi lido de novo, pelo seu autor no dia 5 de Maio último, num dos colóquios levados a efeito, no Porto, no *Museu de Etnografia e História do Douro-Litoral*. Tendo o Doutor Luís de Pina dirigido ao nosso querido amigo Dr. Flávio Gonçalves palavras de louvor pelo entusiasmo que vem pondo nas comemorações do centenário de Rocha Peixoto, não deixou o nosso estudioso conterrâneo, que estava presente, de na sua qualidade de poveiro agradecer no final, a homenagem feita à memória de Rocha Peixoto. Ao mesmo tempo pediu ao Doutor Luís de Pina a gentileza de oferecer à nossa Biblioteca Municipal, na devida altura, um exemplar da publicação que aquele erudito Professor vai fazer do estudo que apresentara — pedido imediatamente deferido.

Na mesma reunião também o Prof. Doutor Santos Júnior, catedrático da Faculdade de Ciências do Porto, se associou à homenagem prestada a Rocha Peixoto, manifestando a sua profunda e sincera admiração pela obra de tão extraordinário etnógrafo. O Dr. F. C. Pires de Lima, que presidia ao colóquio, convidou de seguida o Dr. Flávio Gonçalves a realizar uma palestra sobre Rocha Peixoto numa das próximas sessões do futuro *Instituto de Etnografia do Porto*, a qual ficou marcada para Junho próximo.

Entretanto o nosso querido amigo Dr. Flávio Gonçalves, o incansável promotor e colaborador das comemorações peixoteanas, realizará também no *Ateneu Comercial do Porto*, na noite de 24 deste mês, uma palestra, seguida de colóquio, intitulada: «Rocha Peixoto, um intelectual do meio portuense».

ROCHA PEIXOTO

e a etnologia

pelo DR. ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA

DO CENTRO DE ETNOLOGIA PENINSULAR

Não é fácil conjecturar o que a Rocha Peixoto teria sugerido o título desta nota. A palavra **Etnologia**, ainda hoje de sentido vário conforme os diferentes países e escolas, era no seu tempo tomada em acepções muito diversas; e, ao contrário do que acontece com Adolfo Coelho e, mais tarde, Leite de Vasconcelos, Rocha Peixoto não deixou qualquer escrito em que formulasse os conceitos teóricos

um sentido universal. Urgia acima de tudo não deixar que esse tesouro vivo de razões e ensinamentos desaparecesse sem ter sido registado, fixado, estudado: foi essa a missão de que deliberadamente se incumbiu, qualquer que fosse o nome que a especulação científica lhe viesse a dar.

Uma coisa parece contudo poder dizer-se: é que Rocha Peixoto nunca a si próprio se



Mó manual fotografada por Rocha Peixoto em Nabais e reproduzida no seu estudo *Do emprego ainda recente d'uma mó manual* (Porto, 1903)

basilares da ciência em que se integrava a investigação fundamental a que consagrou a sua vida breve, mas intensamente laboriosa e produtiva, e que com o seu contributo ele próprio ajudou a definir. O progresso atingia então o mundo que o rodeava, fascinante de variedade e pitoresco, destruindo aos poucos as formas ancestrais, por vezes milenárias, que até aí haviam subsistido intactas através dos séculos, e a que a sua erudição conferia

considerou um «etnólogo», mas sim um «etnógrafo». Para todas as orientações, a Etnologia é sempre uma ciência de princípios gerais e de sínteses, enquanto que a Etnografia o é descritiva e sobretudo de análise. E é esse na verdade o carácter dos escritos de Rocha Peixoto sobre as formas tradicionais da vida do povo, que aliás ele mesmo agrupou as mais das vezes expressamente sob a rubrica de Etnografia.

PELO DEDO

se conhece o gigante

(No Centenário de Rocha Peixoto)

Celebra-se neste ano de 1966 o centenário do nascimento de Rocha Peixoto.

São muitos e notáveis os trabalhos deste povoiro ilustre.

Chamado a colaborar nas homenagens a prestar a Rocha Peixoto, fui reler os seus trabalhos que há muito conhecia e nos quais colhi muitos ensinamentos e horas de leitura aprazível.

Reli agora o belo trabalho sobre **Iluminação popular**, datado de Agosto de 1902 e publicado no Vol. II da PORTUGALIA, 1905. 1908, pág. 35 a 48. São 14 páginas ilustradas por 36 figuras, em que bem se patenteia e avulta o etnógrafo dotado de excepcionais qualidades.

A par do conhecimento directo colhido em andanças por aldeias e serranias, surge, a cada passo, num justo critério de etnografia comparada, a citação e transcrição de factos, materiais, objectos ou costumes similares, colhidos em vários autores quer nacionais quer estrangeiros.

Rocha Peixoto alude à dificuldade que havia em fazer lume, o que justificava plenamente o velho costume de, à noite, na lareira, se juntar o brasido, cobri-lo com cinza ou borralha, fazendo a borralheira. Deste modo as brasas vivas que ficam cobertas pela cinza da borralheira, na manhã seguinte, levemente sopradas despertam fogo vivo, por, debaixo da cinza, se conservar o «brasido àlerta».

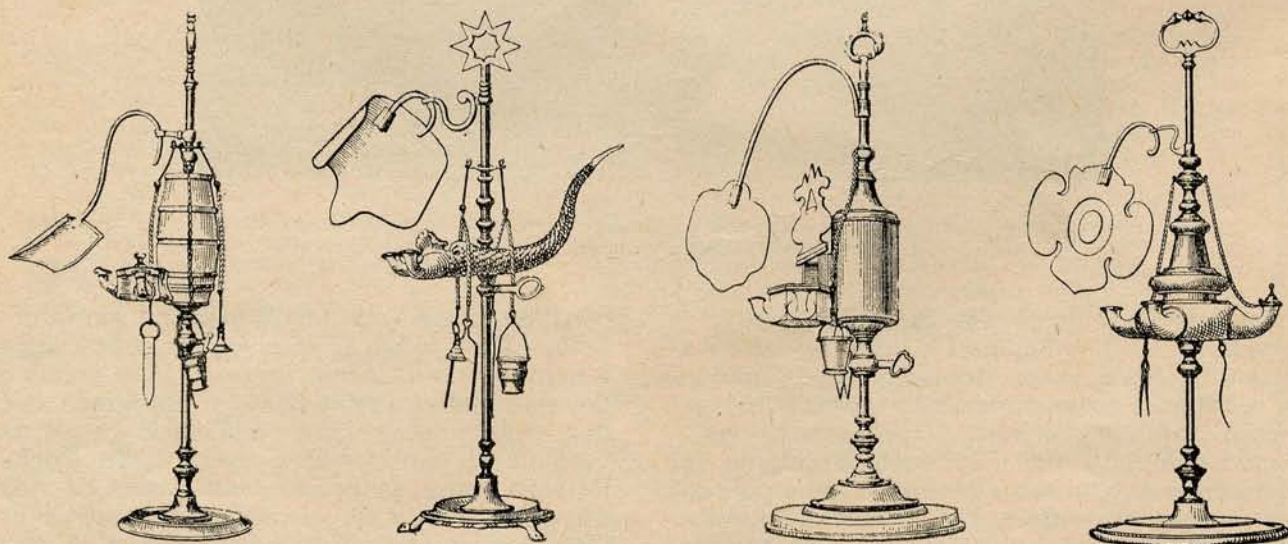
por **SANTOS JUNIOR**

Prof. de Antropologia da Universidade do Porto

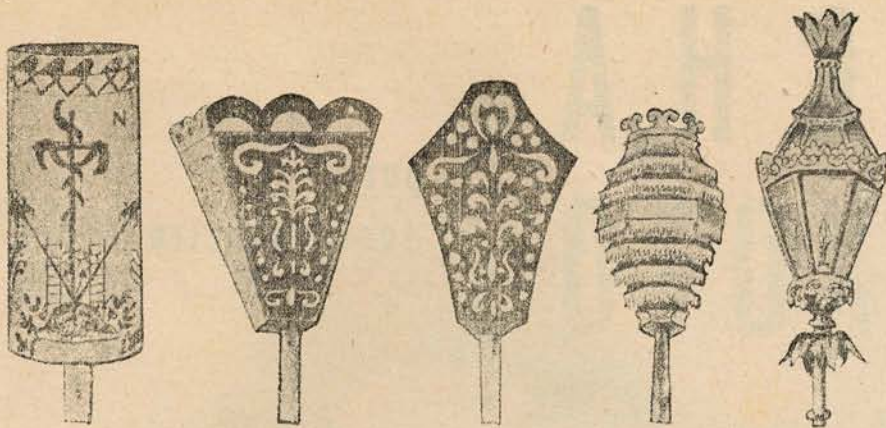
A prova do conhecimento directo que este etnógrafo andarilho tinha da iluminação popular, realça, e bem patente, numa passagem do seu trabalho que diz respeito à circunstância de, por qualquer motivo, ser preciso percorrer a casa durante a noite.

Não dispondo de velas, nem de candieiros, nem sequer de lumes de espera galego, lumes que ainda vi nos meus tempos de menino, em muitas aldeias do norte de Portugal a dificuldade era resolvida por processos bem primitivos que Rocha Peixoto refere nestes termos.

«Com o brasido àlerta, para percorrer a casa de noite, bastavam hastes de abrótea já secas e previdentemente reservadas para tal. Assim persistiu o uso do asfódelo ou gamão em Castro Laboreiro e na Serra d'Arga, no Soajo, em todo o concelho de Montalegre, na Campeã, nas serras de Bornes e Nogueira e em Terra de Miranda. E o mesmo destino já arcaico, mantém ainda, por economia, o emprego do trocho de urzeira em Terras de Barroso; a silva e a gandra ou vaca de urze branca colhida depois da ucha (queimada) na Cabreira; a saganha ou carranha (carrasca)



Candieiros populares reproduzidas por Rocha Peixoto no seu estudo sobre *Iluminação Popular* (Porto, 1905)



Algumas das lanternas que os rapazes da Póvoa de Varzim empunhavam, outrora, na procissão nocturna do sábado anterior ao domingo de Lázaro, na Semana Santa. Desenhos reproduzidos por Rocha Peixoto no seu estudo sobre a *Iluminação Popular* (Porto, 1905)

trazida do alto, pelos pastores das vezeiras, no Gerês; os **guiços de carquejo**, despojos carbonizados após as queimadas na Serra da Amarela; os **murracos**, por fim, ou sejam as cascas de vidoeiro enroladas e já secas, em Lindoso. Mas a duração dessas luzes é breve, como breve o da **isca de coiro** obtida com a umbela dum cogumelo do Gen. *Boletus*, o *B. igniarius* L., basidiomiceto «pro fomite inservit». Conservar a brasa viva era, pois, o recurso de outrora e nomeadamente onde não seria fácil obter a pederneira».

Atente-se nas citações das regiões que interessam ao caso, regiões visitadas e percorridas por Rocha Peixoto Castro Laboreiro, Serra d'Arga, Soajo, todo o concelho de Montalegre, Campeã, serras de Bornes e da Nogueira, Terra de Miranda, Terras de Barroso, Gerês, Serra Amarela e Lindoso.

Repare-se na indicação precisa dos elementos incinerantes que, levados ao «brasido àlerta» da bortalheira, permitiriam luz bastante para, embora em breve duração, alumiar as pessoas numa nocturna e rápida volta pela casa num fugaz inquerito.

Os elementos incinerantes são as hastes da abrotea, o **gãmão** (a que no leste trasmontano tenho ouvido chamar **gaimão**, haste seca do *Asphodelus cerasiferus* L.); o **trocho** de

urzeira; a silva e a **gandra** ou vara de urze branca, colhida depois da **ucha** (queimada); a **saganha** ou **carranha** (carrasca) trazida do alto pelos pastores das vezeiras; os **guiços de carquejo**, despojos carbonizados após as queimadas; os **murracos**, ou sejam as cascas do vidoeiro enroladas e já secas; a **isca de coiro** obtida com a umbela dum cogumelo.

A justeza dos nomes populares de cada um dos elementos incinerantes e logo a explicação precisa da sua natureza e origem, são marcas do

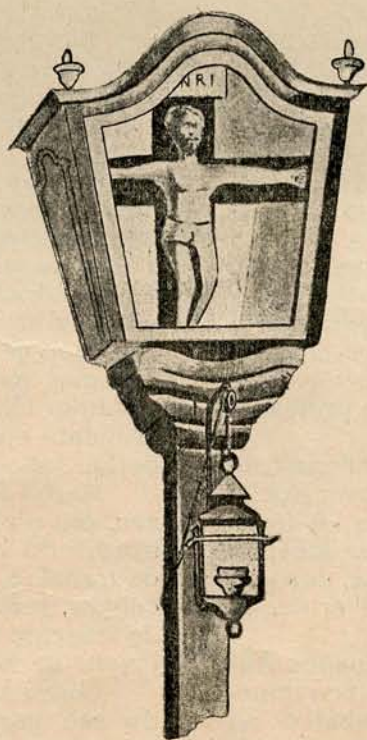
apurado critério científico, do agudo espírito de observação e da inteligente preocupação de dar a explicação clara e suficiente. Isto faz de Rocha Peixoto um etnógrafo de extraordinário Mérito.

A transcrição que fiz do trabalho sobre **Iluminação Popular**, é apenas uma pequena passagem, pouco mais de uma dúzia de linhas desse belo trabalho de 14 páginas.

São precisamente 16 linhas as do pequeno trecho que transcrevi e analisei.

Por este pequeno trecho se pode avaliar o mérito de Rocha Peixoto como etnógrafo, aliás exuberantemente manifestado em tantas e tão ricas páginas dos seus muitos e notáveis trabalhos.

Quanto a este trecho pode dizer-se: pelo dedo se conhece o gigante.



A parte superior do cruzeiro do Largo de Eça de Queirós (Póvoa de Varzim) nos começos do século actual. Ilustração publicada por Rocha Peixoto no seu estudo sobre a *Iluminação Popular* (Porto, 1905)

ROCHA PEIXOTO

por
José Ferreira Lopes

uma lição de juventude

«Era então um rapaz que começava em cenáculos literários do tempo e em revistas e publicações avulsas, a manifestar o seu extraordinário valor.»

de «O PRIMEIRO DE JANEIRO»

ATENDER às circunstâncias que influenciaram na formação do intelectual que viria a ser Rocha Peixoto, é contactar com os problemas, anseios e trabalhos da sua juventude. É sentir os voos arrojados de uma vocação decidida desde os primeiros vagidos da infância.

Muito cedo se enraizou nele, o gosto pelas actividades científicas a que mais tarde haveria de consagrar-se inteiramente.

Ainda aluno da Escola Académica, já se evidenciava, pelos resultados dos seus esforçados trabalhos e pela firmeza do seu carácter, em constantes lutas contra a inércia vegetativa da Cultura de então.

Aos 18 anos, com seus colegas — João Barreira e Fonseca Cardoso — intenta montar numa sala da escola, um observatório astronómico, acompanhado da respectiva criação de uma cadeira de astronomia, regida pelo director daquele estabelecimento, o professor Manuel Francisco da Silva Rato.

Interessado por tudo que se coaduna com a Liberdade, a Instrução e o Progresso, Rocha Peixoto, escreve no jornal poveiro «A Independência» um série de onze artigos, focando as mais diversas questões científicas, desde a cólera aos terremotos, passando da crítica literária às lucubrações filosóficas.

Nestes seus onze artigos, assinados Augusto César, brota aqui e além o crítico impetuoso de «As Deficiências de Trabalho na Academia Polytechnica» e o polemista ardente de «A probidade Científica do Snr. João Bonança».

As suas actividades juvenis, cingiram-se com o ardor e as esperanças dos seus 18 anos, à organização de uma sociedade cultural, onde todos os seus colegas se pudessem interessar

pelos movimentos culturais da época, e pelas suas benéficas influências no nosso país.

A 8 de Dezembro de 1884, o poeta Hamilton de Araújo e Rocha Peixoto fizeram reunir numa das salas da Escola Académica, a maior parte dos alunos daquele estabelecimento de ensino, para lhes transmitir as bases estruturais de uma nova associação que, através da vontade e espírito de continuidade dos seus possíveis sócios, se criasse uma biblioteca perfeitamente actualizada no campo das ciências, um museu de história natural, arqueologia e numismática, e ainda se estimulasse o gosto pelas conferências estudantis, como um apêlo a outras manifestações do género e com estes generosos objectivos.

O papel de Rocha Peixoto na argamassa desta e doutras iniciativas, é-nos apresentado em três artigos da sua autoria, historiando a evolução gestativa do «Club Escola Académica», que mais tarde teve a denominação de «Grémio Oliveira Martins» em homenagem ao brilhante e considerado autor de «Os Filhos de D. João I».

Rocha Peixoto, nomeado director do museu, era a alma da recém-criada instituição, irradiando com a sua presença e capacidade de trabalho, um halo de amor pelas coisas da cultura, sendo ao mesmo tempo um exemplo de tenacidade e vigor intelectual a seguir pelos jovens de hoje.

Que nas comemorações do I centenário do seu nascimento, para além daquilo que nos possa oferecer a sua obra, atentemos na extraordinária lição de juventude, que foi a sua Vida.

É de citar, como fonte bibliográfica utilizada, o jornal «A Independência» de 6 de Setembro de 1884 a 7 de Março de 1885.



ROCHA PEIXOTO

Fotografia existente no Museu de Etnografia e História da Póvoa de Varzim

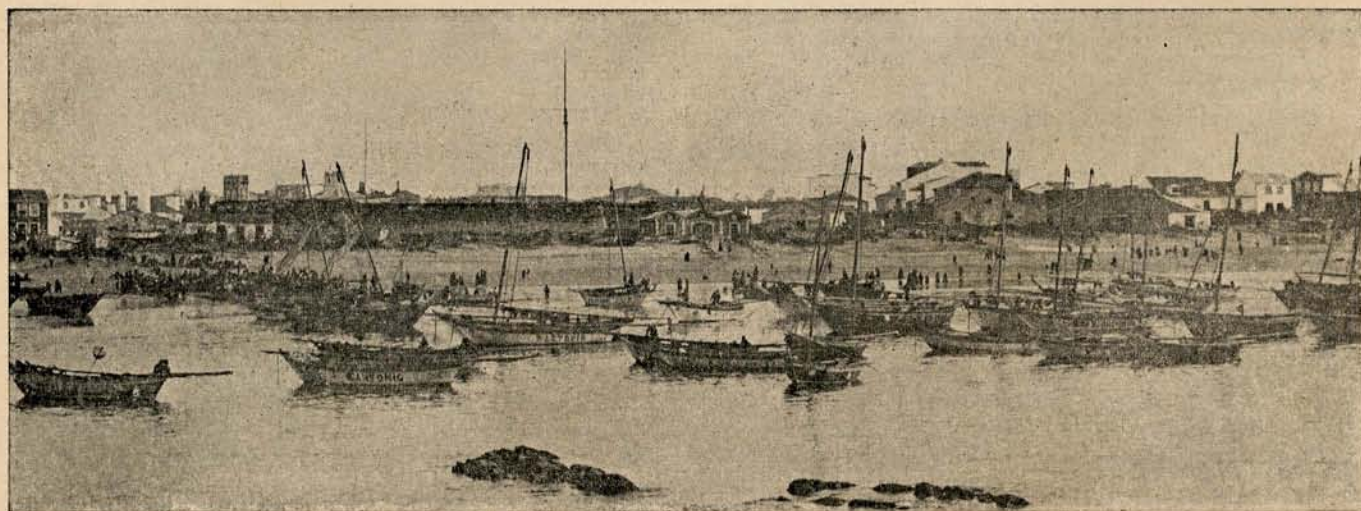
ROCHA PEIXOTO

e os pescadores da sua terra

por FLÁVIO GONÇALVES

Sempre os pescadores da Póvoa de Varzim despertaram em Rocha Peixoto atenção e carinho. Teriam sido a presença e a projecção, na vila natal, de tão típica colmeia humana, que conduziram o escritor para o campo do estudo da vida popular? Merece reparo, na verdade, o facto de dizer respeito aos pescadores poveiros o primeiro ensaio etnográfico que Rocha Peixoto pensou publicar, já projectado quando contava apenas vinte anos. E apesar da sua formação de naturalista, cedo o vemos, numa acção original, interessado em inserir os seus conhecimentos científicos no contexto da matéria folclórica. O trabalho que, logo em 1889, escreveu sobre a malacologia popular é, nesse sentido, sintomático — e simbólico —, conseguindo então, a propósito das conchas marinhas, aliar o saber de origem erudita ao das tradições dos centros piscatórios do Norte do país (principalmente do da Póvoa de Varzim). Depois, a mirada etnográfica do cientista estendeu-se sucessivamente, acabando por se fixar no domínio das realizações materiais e artísticas do nosso povo e no da sua organização social.

Toda a vida sonhou Rocha Peixoto publicar um livro sobre os mais importantes aspectos etnográficos dos pescadores poveiros. Anunciara-o na mocidade, e ainda poucos meses antes de falecer, aos quarenta e dois anos, prometia tratar o assunto numa vasta obra em preparação. A morte que prematuramente o levou, e a legítima ambição de ampliar o plano inicial, não permitiram que tal estudo viesse a ser impresso. Deixou-nos porém o grande etnógrafo, noutros trabalhos, algumas notas dispersas das muitas que havia recolhido para aquela obra. Também nos



Póvoa de Varzim. A Ribeira nos finais do século XIX (Fotografia existente no Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim)

deixou, através de numerosas circunstâncias e atitudes, o testemunho da indesmentida afeição que nutriu pelos „poveirinhos,, que o seu amigo António Nobre cantou. Num breve apontamento passo a recordar, por ordem cronológica, as efemerides da vida de Rocha Peixoto relacionadas com os pescadores da sua terra.

- 1887
(21 anos de idade) No seu livro **O Museu Municipal do Porto (História Natural)**, impresso no Porto, anuncia ter em preparação um volume intitulado **Materiais para o estudo etnográfico e antropológico dos povos do litoral — I — Póvoa de Varzim**.
- 1889
(23 anos) No ensaio «Notas sobre a Malacologia Popular», que apareceu no vol. I da **Revista de Ciências Naturais e Sociais** (órgão cultural portuense do qual Rocha Peixoto era um dos directores), dá notícias sobre a linguagem, superstições e costumes dos pescadores da Póvoa de Varzim.
Em **As Deficiências de Trabalho na Academia Politécnica**, opúsculo da sua autoria saído também no Porto, continua a prometer o anunciado trabalho etnográfico e antropológico acerca dos pescadores poveiros (trabalho que na altura já estava «encetado», segundo afirma no ensaio «Notas sobre a Malacologia Popular»).
- 1894
(cerca de 28 anos) Condoído da terrível situação económica da classe piscatória da sua terra — que o mau tempo impedia de ir à pesca — publica no jornal portuense **O Primeiro de Janeiro**, em 28 de Abril, um artigo que deu brado, intitulado «Miséria Poveira». Nele desvendou ao país a iniquidade do fisco relativamente ao pobre e indefeso pescador da Póvoa, fez ver a necessidade de se concluir a construção do porto da vila e preconizou uma fiscalização conveniente da pesca de arrasto, que dizimava a riqueza piscícola das costas.
- 1895
(29 anos) Ao comentar, no vol. IV da **Revista de Ciências Naturais e Sociais**, um opúsculo de Baltasar Osório dedicado à ictiologia portuguesa, esclarece que muita da sardinha vendida em Matosinhos se devia, em grande parte, aos pescadores poveiros (centenas, em certos dias!) que no porto de Leixões descarregavam as suas lanchas.
- 1896
(30 anos) Colabora numa campanha que a imprensa e as forças vivas da Póvoa de Varzim levaram então a efeito, junto do Governo, no sentido de que fossem defendidos os pescadores locais dos prejuízos causados pela pesca de arrasto. Sobre o assunto escreveu o artigo «A Pesca a Vapor», publicado em primeira mão, em 24 de Maio, no jornal povoense **O Liberal**, e logo depois n' **O Primeiro de Janeiro** (27 de Maio) e na **Revista de Ciências Naturais e Sociais** (vol. IV).
- 1898
(32 anos) Criticando, no vol. V da **Revista de Ciências Naturais e Sociais**, um outro livro de Baltasar Osório, lembra que várias das tradições folclóricas, e processos técnicos, da comunidade piscatória de Matosinhos provinham da influência dos pescadores poveiros que tinham emigrado para aquela povoação.
- 1899
(cerca de 33 anos) Num magnífico estudo sobre «Os Palheiros do Litoral», inserto no primeiro fascículo da **Portugália** (revista portuense onde Rocha Peixoto desempenhava as funções de «redactor em chefe»), menciona as casas de madeira dos pescadores da Póvoa de Varzim — na época já a desaparecerem ou adaptadas a armazéns de sal e de pescado.
- 1901
(c. de 35 anos) Em 14 de Abril realiza na Póvoa de Varzim, na sede da Associação Comercial, uma conferência intitulada «A influência corporativa nos progressos locais», apresentando, ao apontar as formas modernas de associação, o exemplo do comunitarismo dos pescadores poveiros.
No fim desta conferência o jovem António Santos Graça, de vinte e um anos, dirigiu-se a Rocha Peixoto e forneceu-lhe algumas indicações sobre a vida social dos pescadores da Póvoa de Varzim (que muito bem conhecia). Convidado a seguir, pelo cientista, a escrever quanto soubesse acerca do assunto, desses apontamentos nasceu, mais tarde, **O Poveiro**, o famoso livro de Santos Graça, editado em 1932.

1904
(c. de 38 anos)

Colocado, como conservador, à frente do Museu Municipal do Porto, encomenda ao artista Gonçalo Artur Cruz, arquitecto da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, uma colecção de miniaturas dos diversos aprestos marítimos dos pescadores da Póvoa.

1905
(39 anos)

No seu estudo sobre a «Iluminação Popular», impresso no vol. II da *Portugália*, explica como o pescador poveiro preparava, dos fígados do peixe, a **graxa** ou óleo que utilizava nas candeias.

No mesmo volume da citada revista, numa recensão feita aos **Ensaio Etnográficos** de José Leite de Vasconcelos, nega que a população do bairro piscatório da Póvoa de Varzim tivesse o costume de quebrar as vidraças das igrejas quando, em dias de temporal, os santos nelas venerados não atendessem as suas súplicas (costume a que, na esteira de uma tradição divulgada no Norte do país, Leite de Vasconcelos aludira).



Uma lança poveira do tempo de Rocha Peixoto (de um postal da época)

1906
(c. de 40 anos)

Inserindo no volume II da *Portugália* o curioso trabalho «*Tabulae votivae*», aí transcreve a legenda de um **milagre**, ou tábuia votiva, que em 1773 a «companha» poveira de Manuel Francisco Milhazes, após ter escapado a um naufrágio, levava ao santuário de N.^a S.^a da Abadia, nas Terras de Bouro.

1907
(41 anos)

No vol. II da *Portugália*, numa violenta resposta ao que Leite de Vasconcelos exarara em 1906 em *O Arqueólogo Português*, reafirma ser falsa a tradição de que as mulheres dos pescadores poveiros atiravam pedras e areias, durante os naufrágios, contra as igrejas e as imagens dos santos. Pede ao capitão Fonseca Cardoso, secretário da revista *Portugália*, para elaborar um estudo antropológico sobre a população piscatória da Póvoa — estudo que, levado a efeito, na vila, nos fins do mês de Setembro, saiu a lume no vol. II da dita revista ainda em 1908.

1908
(41 e 42 anos)

Convence Cândido Landolt a publicar no jornal povoense *A «Propaganda»* uma série de artigos consagrados aos costumes dos pescadores poveiros, com a promessa de que a Biblioteca Pública do Porto (dirigida por Rocha Peixoto) editaria, depois, todo o texto num volume. E quando António Santos Graça critica n' *O Comércio da Póvoa de Varzim*, aliás com razão, um

daqueles artigos — o que acabrunhou Cândido Landolt —, estimula este jornalista a prosseguir na publicação dos artigos, o que realmente se veio a verificar. Reunidas, essas páginas formaram, em 1915, o livro a que Landolt deu o nome de **Folk-Lore Varzino**.

Entretanto, no trabalho que dedicou aos «Apodos Tópicos» trasmontanos, inserto no vol. I da *Ilustração Trasmontana*, refere a anedota de se dizer que os pescadores da Póvoa de Varzim «costumavam estar às portas comendo pão com os próprios piolhos!» e conta como os pescadores chamavam **peixes de coiro** aos moradores da parte urbana da vila.

Colabora ainda com o **Club Naval Povoense** nos esforços destinados ao levantamento, junto à praia, de um busto a José Rodrigues Maio, o **Cego do Maio**, símbolo da coragem e abnegação dos pescadores poveiros. Indica ao **Club Naval**, para a execução da obra escultórica, o artista Romão Júnior, e organiza um júri que aprecie a **maquette** definitiva a ser apresentada pelo escultor.

Em *As Filigranas* e na *Notícia acerca das explorações arqueológicas da Cidade de Terroso* — duas separatas do vol. II da *Portugália* — anuncia como tendo em preparação o monumental estudo **Etnografia Portuguesa**, em cujo vol. III, com o subtítulo **O Mar**, publicaria os elementos que há mais de vinte anos recolhia sobre os costumes do agregado marítimo da sua terra natal. Mas, poucos meses após, a morte derruba o em plena actividade produtora...



O monumento ao Cego do Maio quando foi inaugurado, na Póvoa de Varzim, em 1909. Desenho reproduzido n' *O Comércio da Póvoa de Varzim*, de 29 de Agosto de 1909

o último trabalho

de

Rocha Peixoto

por AUGUSTO DIAS

A história da literatura, entre nós, tem sido feita com paixão e acrimónia. Filha do interesse e do sectarismo, as obras, trazidas a público, reflectem a ideossincrasia dos grupos e das camarilhas.

Nem os espíritos superiores se furtam às influências e às necessidades.

Por isso o grande Garrett que, muitas vezes, prometeu uma história da sua época, nada escreveu a esse respeito.

Daí o valor de testemunhos íntimos que marginam mas explicam os acontecimentos.

«A Maria da Fonte», um livro de Camilo sobre a insurreição popular do Minho, lançou muita luz sobre as intenções inglesas que levaram à Convenção de Gramido.

O morticínio do Alto do Viso ficará para sempre ligado ao coronel Wylde, mandado a Portugal pela Inglaterra, como observador.

Mas a «Patuleia», nome despresivo que deram a essa revolução, ergueu bem alto o idealismo de José Passos, irmão do Manuel, mais conhecido por Passos Manuel.

Ainda está por fazer a sua verdadeira história mas o pobre idealista, pensando, por certo, no futuro, guardou todos os documentos a ela referidos e em que interviera como chefe.

A viúva legou-os a Rodrigues de Freitas que prometera fazer um estudo, à base deles, sobre José Passos e a sua época.

Morreu sem o realizar e os documentos ficaram na posse de outra viúva, D. Ana Luísa Rodrigues de Freitas.

Esta senhora era de uma cultura invulgar e a melhor professora de alemão, no ensino particular do Porto, no dizer de D. Carolina Michaëlis.

Rocha Peixoto era muito da sua convivência porque o marido fora lente da Politécnica e

os seus ideais republicanos influíram bem na formação ideológica do então preparador.

Estou mesmo convencido de que foi esta Senhora que mais influência teve para a nomeação de Rocha Peixoto para a Biblioteca. E daí tudo o mais.

Quem hoje lê as duas palavras que abrem o catálogo não fica suficientemente esclarecido acerca do papel desempenhado pelo ilustre poveiro mas, ainda assim, é o suficiente.

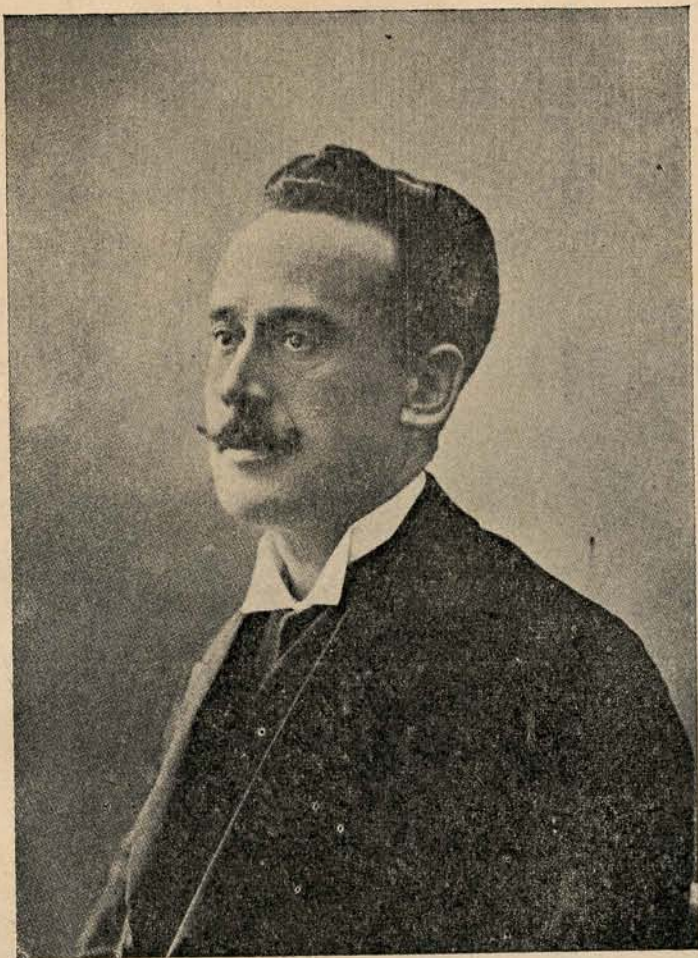
«Feita a oferta, diz, pareceu importante ao Bibliotecário, que era então A. A. da Rocha Peixoto, morto prematuramente e em plena florescência do seu talento, que a Biblioteca possuísse os documentos autênticos de um dos mais agitados períodos da nacionalidade. Ai seriam esses documentos postos por ordem e cuidadosamente conservados, constituindo uma abundante fonte de investigação e de inspiração para os historiadores que por ventura pensassem na reconstituição desse já remoto período revolucionário».

E mais adiante:

«Concluído ainda em vida de Rocha Peixoto, entrou sem demora nas oficinas da Imprensa Portuguesa, para que estivesse composto a tempo de aparecer a 27 de Julho de 1909, aniversário do falecimento de Rodrigues de Freitas».

Simplesmente a morte não deixou a Rocha Peixoto gozar a íntima satisfação de dar esse prazer a M.^{me} Freitas, como era conhecida a viúva do notável republicano.

Foi este o último trabalho do ilustre poveiro e, por ele, o seu nome fica ligado, para sempre, às figuras de José Passos e Rodrigues de Freitas.



António Augusto da Rocha Peixoto. Uma das suas últimas fotografias.
(Cliché da Photographia Moderna)

Actos Comemorativos de hoje

Vão realizar-se hoje — dia em que faz 100 anos que nasceu Rocha Peixoto — vários actos comemorativos aos quais se digna presidir o sr. Governador Civil do Distrito. A Câmara Municipal, promotora das comemorações, leva a efeito:

ÀS 18,30 HORAS — Descerramento de uma placa com a efigie do notável cientista—oferta do Clube Naval Povoense, com o auxílio de poveiros ausentes — na casa onde nasceu, à Rua Rocha Peixoto, 20.

Na altura do descerramento da placa usará da palavra, para fazer a sua entrega à Câmara, o presidente da direcção do Naval Povoense, sr. dr. Eduardo Campos Costa. Para lhe agradecer, falará em nome do Município, o rev.º P.º Manuel Amorim, vereador do Pelouro de Cultura.

ÀS 21,30 HORAS — Sessão Solene, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, em que proferirá uma Conferência intitulada Rocha Peixoto e a Etnologia, o ilustre investigador do Centro de Estudos de Antropologia Cultural da Junta de Investigações do Ultramar, ex.º sr. dr. Ernesto Veiga de Oliveira.

A inauguração, em 1947, da lápide da casa onde nasceu Rocha Peixoto

por LÍDIO MARQUES

António Augusto da Rocha Peixoto nasceu na Póvoa de Varzim a 18 de Maio de 1866, no prédio n.º 20 da antiga Rua da Silveira (hoje rua Rocha Peixoto).

Foi nesta mesma casa que Rocha Peixoto viveu a infância que não foi risonha (1), mas que deve ter caldeado a alma do grande etnógrafo para as lutas da vitória do espírito que tornam o homem imortal.

A Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, em 18 de Maio de 1947, procedeu ao descerramento de uma lápide na casa onde nasceu o grande cientista.

O respectivo auto de inauguração da placa, que se encontra no nosso Arquivo Municipal (maço 113 — n.º 4), reza assim:

Inauguração de uma lápide na casa onde nasceu ROCHA PEIXOTO

Aos dezóito de Maio de mil e novecentos e quarenta e sete, nesta vila da Póvoa de Varzim e rua de Rocha Peixoto, onde se encontrava o sr. João Pedro da Silveira Campos, Presidente da Câmara Municipal, comigo, Agostinho Francisco Cadilhe, Chefe da Secretaria da mesma Câmara, procedeu-se à inauguração de uma lápide de mármore, aposta na fachada do prédio número vinte, com a seguinte inscrição: «Nesta Casa nasceu a 18 de Maio de 1866 o brilhante escritor e grande cientista António Augusto da Rocha Peixoto — Homenagem da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

Ao acto, efectuado por deliberação da Câmara Municipal de vinte de Janeiro do ano corrente, compareceram as autoridades, entidades, organismos e associações locais e muitos cidadãos. Para constar, se lavrou o auto, que vai ser assinado pelo Senhor Presidente da Câmara, pelos presentes que o quizerem fazer e por mim, Agostinho Francisco Cadilhe, Chefe da Secretaria, que o subscrevi.

Seguem-se algumas assinaturas, entre as quais são legíveis as de João Pedro da Silveira Campos, Dr. Manuel Monteiro, Paulina Augusta Rocha Peixoto Amorim, Jorge Frederico Lopes da Rocha Peixoto, Dr. José Gomes de Sá, Dr. António da Silva Pereira, Lauro de Barros Lima, Manuel Agonia Frasco, Dr. João Martins Lopes Amorim, Capitão António José da Mota e outras.

Dos jornais da época, O Comércio da Póvoa de Varzim dá algum relevo à homena-

gem. No número de 17 de Maio de 1947 regista-se com satisfação o facto de a casa onde nasceu Rocha Peixoto ir, finalmente, ter uma lápide comemorativa (2).

O mesmo jornal transcreve, no número de 24 de Maio, um resumo da homenagem, que constituiu no descerramento da lápide, com a seguinte inscrição:

NESTA CASA NASCEU,
A 18 DE MAIO DE 1866,
O BRILHANTE ESCRITOR E
GRANDE CIENTISTA
ANTÓNIO AUGUSTO DA ROCHA PEIXOTO
HOMENAGEM
DA
CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM
1947

Discursaram nessa cerimónia Silveira Campos, então Presidente da Edilidade Poveira, o Director da Escola Comercial, Dr. José de Sá (Escola que nessa altura tinha como patrono Rocha Peixoto) e, por fim, o Dr. Manuel Monteiro, antigo ministro da República, parente e grande amigo de Rocha Peixoto, que agradeceu, em nome da Família, a homenagem prestada.

A placa que se encontrava coberta com a bandeira da Póvoa, foi descerrada pela sr.^a D. Augusta Camila Beatriz da Rocha Peixoto, irmã do ilustre etnógrafo.

Também o jornal *Idea Nova*, no n.º de 24 de Maio de 1947, insere um pequeno resumo da homenagem, em coluna de pouco destaque, não consagrando o devido interesse à homenagem de um homem que dedicou a sua vida ao estudo do povo português, à defesa dos interesses nacionais e à propaganda afectuosa da sua terra.

Se a posteridade é juiz dos nossos actos, não lhe demos oportunidade para condenar o nosso desleixo e o nosso desamor aos valores que nos honram com o labor da sua inteligência e que são os únicos que dão jus à clã a um lugar na História...

(1) Flávio Gonçalves — Rocha Peixoto — Nas vésperas do Centenário seu nascimento, (Póvoa de Varzim, 1965).

(2) «Rocha Peixoto». in O Comércio da Póvoa de Varzim de 17 de Maio de 1947.



A casa onde nasceu Rocha Peixoto, na antiga *Rua da Silveira* (Póvoa de Varzim)

As homenagens fúnebres

à memória do insigne poveiro

ROCHA PEIXOTO

Já «O Comércio da Póvoa» se referiu às homenagens fúnebres que a Câmara Municipal promoveu à memória de Rocha Peixoto, ao comemorar-se, em 2 do mês corrente, o 57.º aniversário da sua morte. Hoje pretendemos deixar arquivadas, neste número, as sentidas palavras que o sr. P.º Manuel Amorim pronunciou no Cemitério, junto do jazigo do eminente poveiro.

Faz, hoje, 57 anos que, em Matosinhos, vítima de terrível doença, faleceu António Augusto da Rocha Peixoto.

Não era justo que fôsse dado a terra alheia quem tanto deu à sua terra!... E eis porque o Município, exprimindo a vontade dos seus conterrâneos, pede, à família enlutada, os despojos do querido morto para os guardar, em mausoleu condigno, em homenagem ao intelectual brilhante, ao lutador intemerato, ao poveiro que nunca deixou perder a mais pequena oportunidade de tornar conhecida e engrandecida a sua Terra.

Alguns dias depois, os restos mortais do ilustre poveiro transpunham os portões deste Campo Santo.

Nessa altura, pela boca de pessoas que tiveram a dita de conviver com o malogrado cientista, foram, aqui, pronunciadas belíssimas palavras de profundo sentimento e estrema saudade. Era tal a veneração que Rocha Peixoto inspirou a quantos gozaram a sua feliz presença que os mais duros de coração não puderam reprimir as lágrimas na hora crucial em que era restituído à terra o corpo do amigo querido.

A Póvoa, terra que o viu nascer e a quem ele tanto amava, cobriu-se de lutuosos crepes e, em religioso silêncio, abriu alas, ruas além, para num último adeus, aquecer com o calor da gratidão e do maior afecto o corpo gélido do filho bem amado.

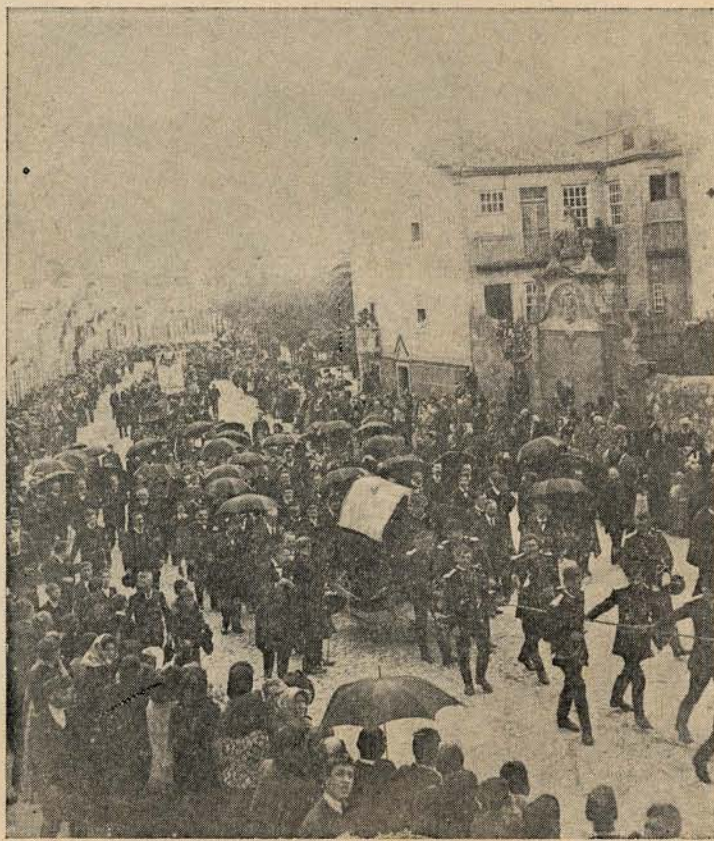
Aqui jaz Rocha Peixoto, confundido entre os irmãos poveiros, porção inestimável de um povo que o apaixonou cegamente.

Desde a serra ao mar, tal conquistador ambicioso, consumiu os verdes anos, que tão poucos foram, para descobrir num mundo vaidoso e fútil, o génio e a tenacidade de um povo que era preciso conhecer para verdadeiramente se amar.

Diz Júlio Brandão que a sua vida foi um exemplo magnífico de génio construtivo, numa época de demolição. Não admira pois que, embora truncada pelo tempo, a sua obra tenha o cunho da perenidade.

E se na sepultura o seu corpo dorme o sono dos mortais, sobre os olhares do anjo da paz, o seu espírito fulgurante vive, hoje, mais glorioso que nunca, a suprema ventura dos imortais. Rocha Peixoto, meio século após a sua morte é, e será sempre, uma presença necessária e esclarecida na mesa dos estudiosos; é que ele espalhou, às mãos cheias, carradas de semente na sáfara campina da Arqueologia e da Etnografia portuguesa. Em muitos aspectos destes ramos da ciência foi um autêntico pioneiro; noutros, um carreador infatigável de materiais que estudou e legou à posteridade.

A estas minhas e despreziosas palavras não quero dar o sentido de um panegírico; minguem-me a arte e o saber. Quero simplesmente, recordar que a Póvoa guarda, neste sepulcro, como reliquia sagrada, um dos seus filhos mais talentosos e amigos; e propôr, às gerações novas, que o olhem como o exemplo, nobre



Póvoa de Varzim, 16 de Maio de 1909. A trasladação do corpo de Rocha Peixoto, para o cemitério municipal. (Fotografia abrangendo o Largo de Queirós e parte da Praça do Almada)

e honrado, de quem viveu e morreu a trabalhar por Portugal.

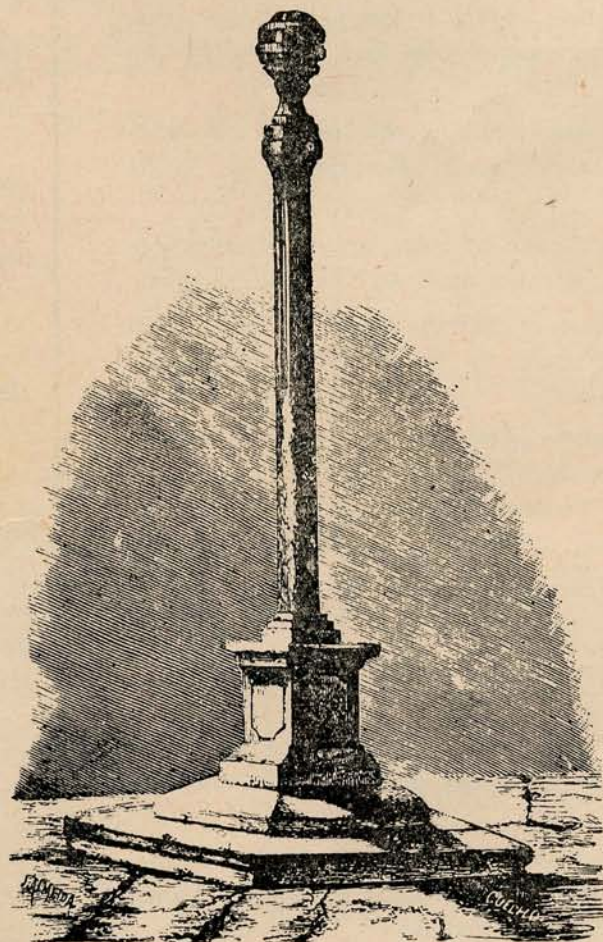
Ao irmos aqui, hoje, aniversário do seu falecimento, em romagem de admiração e afecto, recordar a memória do nosso ilustre conterrâneo, não fazemos mais que saldar uma dívida imposta pelo dever, como é timbre da grei poveira.

E ao retirarmo-nos, com a consciência tranquila de quem cumpriu uma obrigação, elevemos ao Céu, como mandam os nossos sentimentos cristãos, uma singela e humilde prece:

Dai-lhes, Senhor, o descanso eterno
Entre os esplendores da luz perpétua.



A antiga igreja da Misericórdia da Póvoa de Varzim, demolida em 1910. Fachadas ocidental e meridional (Fotografia obtida mercê das recomendações feitas por Rocha Peixoto, antes de falecer).



O Pelourinho da Póvoa de Varzim. A reconstrução do monumento foi feita em 1896 a instâncias de Rocha Peixoto.

PRÉMIO

«Rocha Peixoto»

A Câmara Municipal da Póvoa de Varzim ao instituir o Prémio «Rocha Peixoto» tem por finalidade:

1

Homenagear o seu ilustre conterrâneo António Augusto da Rocha Peixoto, grande estudioso da Etnografia Portuguesa.

2

Contribuir para o desenvolvimento dos estudos etnográficos no nosso país.

3

Galardoar o mérito literário e científico dos melhores estudos — Livro ou Ensaio — que sobre qualquer tema de etnografia forem publicados em Portugal no ano de 1966.

O Prémio «Rocha Peixoto» abrange as seguintes modalidades:

LIVRO	10.000\$00 e medalha
ENSAIO	3.000\$00 e medalha

Em cada uma das modalidades — Livro e Ensaio — haverá ainda uma MENÇÃO HONROSA, cujo prémio será constituído por uma medalha.

A medalha a atribuir aos concorrentes premiados será um espécime da medalha comemorativa do I Centenário de Rocha Peixoto.

As obras concorrentes, nas duas modalidades, serão de autor português, publicadas em Portugal, sobre qualquer tema de Etnografia.

Na modalidade de Livro, as obras concorrentes terão um mínimo de 200 páginas e na modalidade de Ensaio o mínimo de 10 páginas.

Só podem concorrer os trabalhos publicados em Portugal de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1966 e os autores enviarão 5 exemplares à Secção Cultural da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, «Prémio Rocha Peixoto», até 31 de Janeiro de 1967.

Os concorrentes devem, em carta, manifestar o seu desejo de, com aquela obra, se candidatarem ao Prémio.

É obrigatório que os trabalhos tenham o nome do autor e a data da impressão ou da edição.

O Júri será constituído por um presidente e por dois vogais, um dos quais servirá de secretário, e das decisões do Júri não haverá recurso.

A entrega do prémio será feita em 18 de Maio de 1967 — aniversário de Rocha Peixoto — em sessão a realizar na Câmara Municipal e especialmente destinada para o efeito.

O NOSSO agradecimento

Para que este número dedicado a Rocha Peixoto, pudesse ser digno da sua estatura mental, para o que não nos poupamos a sacrifícios e canseiras, queremos deixar aqui bem expresso 3 agradecimentos:

1.º — Ao dr. Flávio Gonçalves, pela magnífica ajuda que nos deu, sem a qual não nos teria sido possível apresentarmos este número com a dignidade que julgamos possuir, e ainda pela amável cedência das gravuras que ilustram este número e que são pertença do Boletim Cultural da Câmara Municipal, de que é director;

2.º — Aos ilustres autores dos artigos, pela valiosíssima colaboração que nos dispensaram, e pelas muitas achegas que através deles nos trazem para melhor se conhecer a acção desenvolvida pelo eminente sábio poveiro;

3.º — A todos os nossos amigos que nos deram os anúncios das suas organizações o que, em boa verdade, fez reduzir um pouco as muitas despesas deste número.

Para todos, de um modo geral, vai o penhor da nossa gratidão e a oferta dos nossos limitadíssimos préstimos.

A REDACÇÃO

CAFÉ E
SNAK-BAR
ACADÉMICO

PAPELARIA E
LIVRARIA
GARRIDO

de ANTÓNIO FERNANDES GARRIDO

LARGO DAS DORES
Telef. 62954
PÓVOA DE VARZIM

Junto do Hospital, Palácio da Justiça, Liceu e Escola Técnica

A Eléctrica do Mercado

de CÉSAR DE SOUSA

Casa especializada em Arligos Eléctricos,
Pichelaria, Funilaria e Sanitários

ILUMINAÇÕES E DECORAÇÕES

Praça Marquês de Pombal, 17 — Telefone, 62672

PÓVOA DE VARZIM

Mobiliário Moderno e Artístico

FERREIRA & FERREIRA, L.da

RESTAURAM-SE ANTIGUIDADES
TALHA E OBRA SACRA
MOBÍLIAS COMPLETAS
COLCHOARIA

Telefone, 62478

Rua Paulo Barreto, 12 — PÓVOA DE VARZIM

livraria **MINERVA** papelaria

Marcelo Gomes de Oliveira

Rua 5 de Outubro, 15 PÓVOA DE VARZIM
Telefone, 62333



Artigos de Escritório / Material Escolar / Tintas / Pastas
Arquivos / Revistas / Tabacos
Figurinos / Artigos Religiosos

AGÊNCIA OFICIAL DO TOTOBOLA

Fábrica de Malhas

POVELÃ

RUA PEREIRA AZURAR — TEL 62209

PÓVOA DE VARZIM



à venda
nos melhores
estabelecimentos
do País

O Meu Café

de ABEL JOAQUIM MORIM & F.os, L.da

Rua Paulo Barreto, 17 — Tel. 62029
PÓVOA DE VARZIM

— CAFÉ
— CERVEJA A COPO
— BILHARES

AGENTE OFICIAL DO TOTOBOLA

casa dos ANJOS

de ELVIRA VIEIRA MAIO

RUA 1.º DE MAIO, 10 — TELEFONE, 62260
PÓVOA DE VARZIM

Vestem-se anjos em qualquer parte do País

Funerais — Urnas de todas as qualidades
Caixões para todos os preços

CASA FLORES

ARMINDO FLORES

Lãs - Algodões - Peúgas - Botões - Meias - Camisas
Rendas - Lenços - Perfumarias - Miudezas
Vendas por junto e a retalho.

RUA 5 DE OUTUBRO, 16 — PÓVOA DE VARZIM
(Esq. da Rua Luís de Camões, 1 e 3) TELEF. 62661

SALÃO DE CHÁ E PASTELARIA *Flores*

ARMINDO FLORES

Bolo-Rei - Licores - Bolos Artísticos - Queques de Noiva
Pão de Ló - Doces Regionais e Húngaros - Serviço de
Casamentos - Baptizados e Portos de Honra.

Rua 5 de Outubro, 19
Telefone, 62661
PÓVOA DE VARZIM

LIVRARIA E PAPELARIA

Graça

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO
PERFUMARIA
FIGURINOS
REVISTAS
ARTIGOS RELIGIOSOS

Rua 5 de Outubro, 46—Tel. 62233—Póvoa de Varzim

Automóvel de Aluguer

Autocarros de luxo para excursões no país e no estrangeiro

Garagem Themóteo

Telefone, 62051
PÓVOA DE VARZIM

Fábrica de Conservas

«A POVEIRA», L.^{DA}

FABRICANTES E EXPORTADORES DE CONSERVAS DE PEIXE

SARDINHA — Com espinha — Sem espinha — Sem pele e sem espinha
FILETES DE CAVALA — FILETES DE ANCHOVAS — ATUM — CHICHARROS

AVENIDA BRAGA
TELEFONE, 62058

PÓVOA DE VARZIM

Marcas registadas:

POVEIRA — HENRI IV — LAPA
JEAN MERVEILLE — VARZIM

End. Teleg. POVEIRA
APARTADO N.º 1

TRANSPORTES
PARA TODO O PAÍS

SOVART

Sociedade Varzinense de Transportes, L.^{da}

SEDE NA PÓVOA DE VARZIM
Rua Almirante Reis, 103 — Telef. 62179

ESCRITÓRIO NO PORTO
Rua do Paraíso, 248 — Telefone, 37135

Casa Soares

FIOS PARA TRICOT
FIBRAS NACIONIAS E
ESTRANGEIRAS

ULTIMAS NOVIDADES

PRAÇA DA REPÚBLICA, 6 PÓVOA DE VARZIM

Casa S. Tiago

José Joaquim Lopes (Pica)

ALMOÇOS E JANTARES

Especialidade em

**TRIPAS À MODA DO PORTO
E SARRABULHOS**

PRAÇA DA REPÚBLICA, 16 — TELEFONE, 62847
PÓVOA DE VARZIM

PARA OS SEUS TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS PREFIRA
AS OFICINAS DE

Frasco & Companhia

TELEFONE, 62 331
PÓVOA DE VARZIM

Agência Castro

VIAGENS — TURISMO

PASSAGENS MARÍTIMAS E AÉREAS
VISTOS CONSULARES
PASSAPORTES
EXCURSÕES

Rua Almirante Reis, 1 — Tel. 62259 — Póvoa de Varzim

VISITE A

Casa dos Frangos

A - VER - O - MAR — TEL. 62 910

A 1 Km. DA PÓVOA DE VARZIM (estrada para Viana do Castelo)

Filial: VILAR DO PINHEIRO — Telef. 997092
A 12 Km. DO PORTO

Especializada em serviços de ban-
quetes, casamentos, baptizados, etc.

Almoços / Jantares / Bons vinhos

MARISCOS
sortido sempre fresco
FRANGOS
autêntico churrasco
CERVEJA
à caneca

BONS PREÇOS

SERVIÇO À LISTA

«O Comércio da Póvoa de Varzim» - N.º 19 - 18 de Maio de 1966

ANUNCIO

São convidados a comparecer no Tribunal Judicial desta comarca no dia 16 do próximo mês de Junho, às 14 horas, todos os credores da sociedade comercial por quotas «FERREIRAS, SÁ & COSTA, LIMITADA», com sede e estabelecimento industrial no lugar das Fontainhas, da freguesia de Balazar, desta comarca, para o fim de conseguir-se concordata com aquela, depois de serem apreciadas, de uma maneira geral, a situação dos seus negócios e as causas do estado de falência; e de se discutirem e apreciarem os seus débitos. Os credores que não figurem na relação apresentada pela devedora podem reclamar no processo os seus créditos até dez dias antes daquele designado para a reunião; e qualquer credor, nos cinco dias seguintes, pode impugnar créditos e denunciar actos culposos ou fraudulentos da dita devedora.

Póvoa de Varzim, sete de Maio de mil novecentos sessenta e seis.

O Escrivão da 2.ª Secção,

Carlos da Cruz Rodrigues

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Jorge da Cruz Vasconcelos

SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS

Federação de Caixas de Previdência

AVISO

CONCURSO MÉDICO

Está aberto concurso documental de provimento por 30 dias, com início em 2 de Maio de 1966, para médicos de CLINICA MÉDICA, do Posto n.º 37 (Póvoa de Varzim), devendo a documentação ser entregue na Delegação da Zona Norte — Rua Alvares Cabral, 328 - Porto, ou na Sede da Federação — Avenida Manuel da Maia, 58-2.º-Esq.º-Lisboa, até às 18 horas do dia 31 de Maio do mesmo ano.

As condições de admissão encontram-se patentes naquela Delegação, bem como na Sede da Federação e no Posto aludido.

Lisboa, 27 de Abril de 1966. A DIRECÇÃO

GARAGEM LINHARES

Caetano Cascão Linhares, Herdeiros, L.^{da}

PÓVOA DE VARZIM

CARREIRAS REGULARES DE PASSAGEIROS ENTRE :

Póvoa de Varzim — Porto
Póvoa de Varzim — Vila do Conde
Póvoa de Varzim — Santo Tirso
Póvoa de Varzim — Sanfins
Póvoa de Varzim — Esposende
Barcelos — Porto
Esposende — Porto
Forjães — S. Paio — Marinhãs — Braga
S. Paio — Marinhãs — Barcelos
Esposende — Viana do Castelo
Barcelos — Roriz — Freixo
Esposende — Forjães — Viana do Castelo
S. Romão do Neiva — Barcelos
S. Romão — Viana do Castelo
Aguçadoura — Póvoa de Varzim
Esposende — Vila Seca — Barcelos
Apúlia — Esposende
Apúlia — Necessidades
Crestes — Barcelos

LUXUOSOS AUTOCARROS PARA SERVIÇO DE EXCURSÕES — AUTOMÓVEIS DE ALUGUER
CAMIÕES DE CARGA — PNEUS E CÂMARAS DE AR — ÓLEOS E CASOLINA

TELEFONES :

PORTO — 20427
PÓVOA DE VARZIM — 62039
ESPOSENDE — 89210
BRAGA — 23089
BARCELOS — 82571
VIANA DO CASTELO — 22454

SAPATARIA

SEME

RUA 5 DE OUTUBRO
TELEFONE, 62272
PÓVOA DE VARZIM

Carlos Cardoso

com oficina para execução
de todos os trabalhos de

OURIVESARIA
E RELOJOARIA

Largo Dr. David Alves, 4
PÓVOA DE VARZIM

Casa Espanhola

Otilia Flores & Irmã, Limitada

GRANDE SORTIDO EM:
Meias, Malhas, Botões, Rendas
Bordados, Véus, Miudezas e Ar-
tigos de Novidade.

Rua 5 de Outubro, 7, 7-A, 7-B e 7-C — Telefone, 62313
PÓVOA DE VARZIM

Casa Climério

de CLIMÉRIO DA COSTA ARAÚJO

AQUECIMENTO
SANITÁRIA
ELECTRICIDADE

Rua 5 d'Outubro, 82 — Telefone, 62815
PÓVOA DE VARZIM

LIVRARIA E PAPELARIA

MODERNA

TUDO PARA O ENSINO PRIMÁRIO,
TÉCNICO E LICEAL

Rua Gomes de Amorim — Póvoa de Varzim

«O Comércio da Póvoa de Varzim» - N.º 19 - 18 de Maio de 1966

ANUNCIO

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direito desta comarca, nos autos de Justificação para Arresto pendentes na 2.ª Secção da Secretaria, movidos pela requerente David Ferreira da Silva & Filhos, com sede na Rua Alexandre Herculano, da cidade e comarca do Porto, contra Alfredo Pinto Lomba, comerciante, que também usa os nomes de Alfredo Pinto Ferreira Lomba e Alfredo Pinto Pereira Lomba e mulher, residente em parte incerta da Venezuela, com última residência conhecida na Rua da Lapa, número oito, desta vila, é este requerido notificado de que nos autos de justificação para arresto referido, por despacho de 21 de Maio de 1965, foi ordenado o arresto no direito que têm à herança deixada por falecimento de Rosa Arteiro Gomes da Costa ou Rosa Arteiro da Costa Marques, para segurança e pagamento da quantia de 44 342\$60 proveniente de fornecimento de mercadorias e como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial entregue à mulher do notificando quando da sua notificação, e, de que tem o prazo de 8 DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 DIAS, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, para deduzir embargos ou agravar.

Póvoa de Varzim, 14 de Abril de 1966.

O Escrivão de Direito,
Carlos da Cruz Rodrigues

Verifiquei

O Juiz de Direito,
Jorge da Cruz Vasconcelos

CAMISOLAS POVEIRAS
ARTIGOS REGIONAIS

Loja do Sol

MANUEL DE AZEVEDO DUARTE & C.A L.DA

Fazendas / Modas / Confecções / Artigos
fotográficos / Trabalhos para amadores

Praça do Almada, 52 — Telefone, 62093 — PÓVOA DE VARZIM

A. Gomes, Filhos & Sá

OURO / PRATAS / JÓIAS / ANTIGUIDADES

RUA DA JUNQUEIRA, 68
TELEFONE, 62038
PÓVOA DE VARZIM



Fábrica de Conservas "Madrugada", L.da

Sardinhas
Carapau
Cavala
Atum
Anchovas
Moluscos
Mariscos
Diversos

Póvoa de Varzim
PORTUGAL

Endereço Telegráfico
MADRUGADA

Telef. } 62 117
 } 62 920

Gazcidla
combustível doméstico

Propacidla
combustível industrial

*Usá-los, é adquirir a melhor assistência
técnica, segurança e economia*

Estação de serviço Sacor

Lubrificação especializada e recolha

Garagem do Atlântico

SILVA & CAMPOS, L.^{DA}

Avenida Mousinho de Albuquerque, 53
Rua 31 de Janeiro, 95
Tel. 62 240 - 62 900 - PÓVOA DE VARZIM

Tinturaria **BRASIL** Lavandaria

L.^ª DE JOSÉ MARTINS REINA

A MAIS ANTIGA E DE PROCESSOS MAIS MODERNOS

Rua 5 de Outubro — Tel. 62121
PÓVOA DE VARZIM

LUTOS RÁPIDOS

LIMPA A SECO EM 3 HORAS

IMPERMEABILIZAÇÃO

EM GABARDINES

ENTREGAS AO DOMICÍLIO

EXECUTA SERVIÇO PARA TODO O PAÍS — SECÇÃO ESPECIAL PARA LIMPEZA DE CAMURÇAS

**SE VAI
EMIGRAR...**

...VOE PELA

TAP

Para todas as informações
dirija-se ao escritório da
TAP mais próximo

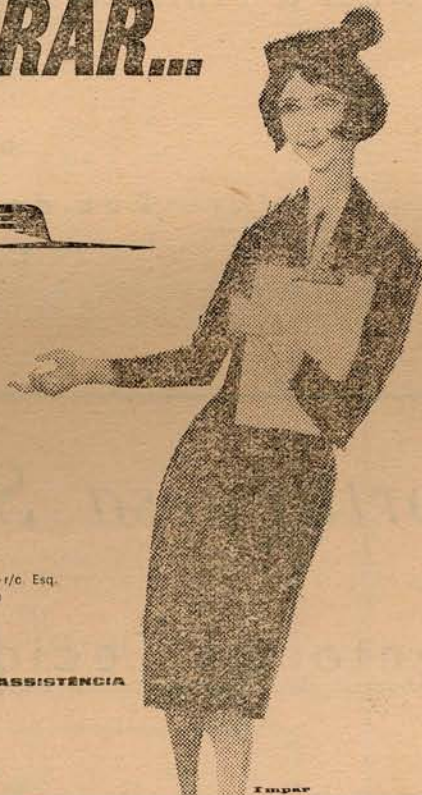
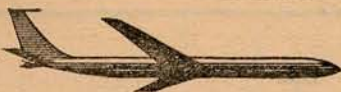
Em FARO:
Rua D. Francisco Gomes, 8

No PORTO:
Praça D. Filipa de Lencastre, 3

Em LISBOA:
na Praça Marquês de Pombal, 3-r/c. Esq.
ou pelos telef. 5 91 01 e 4 21 10

A TAP organizou, para si,

UM SERVIÇO ESPECIAL DE ASSISTÊNCIA



TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES



(Marca registada)

Fatos para ciclistas e marítimos
Blusões
Capas para senhora e criança
Toldes e guarda-sois
Sacos de praia
Encerados para todos os fins

**MANUFACTURAS
PLATEL**

••

RUA 31 DE JANEIRO
TELEFONE, 62828
PÓVOA DE VARZIM

lavandaria REINA

JOSÉ MARIA MONTEIRO REINA

TINTOS EM TODAS AS CORES

LUTOS EM 12 HORAS

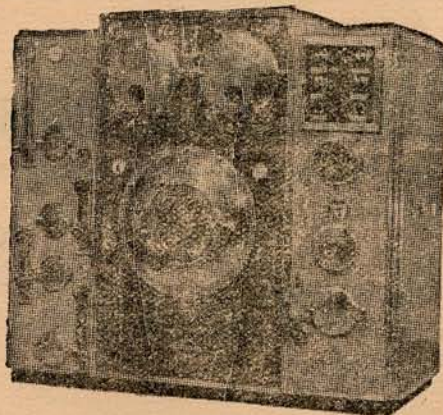
ENTREGAS AO DOMICÍLIO
SECÇÃO DE ENGOMADOS

SECÇÃO DE APANHAR MALHAS ELECTRICAMENTE
LAVANDARIA AUTOMÁTICA A SÊCO

Telef. 62730 — Rua 5 de Outubro, 30
PÓVOA DE VARZIM

Agência em VILA DO CONDE

Rua 5 de Outubro, 250 r/c



Eis a sensacional máquina italiana de limpeza a sêco na qual é realizado, à vista do próprio cliente, todo o trabalho desta casa.

EXECUTA SERVIÇO PARA TODO O PAÍS

Fábrica de Tapetes de Beiriz

C. R. MIRANDA & FILHOS, L.^{DA}

FÁBRICA

BEIRIZ

PÓVOA DE VARZIM

TELEF. 62033 - Apart. 4

DEPÓSITO

Rua do Salitre, 82

LISBOA

TELEFONE, 530594

Lintafoam Portuguesa S.A.R.L.

Revestimento de Tecidos

FÁBRICA

BEIRIZ

PÓVOA DE VARZIM

ESCRITÓRIO

Rua da Constituição, 797-1.º

Telefs. 40171 / 7

PORTO

INTEBIS Indústrias Texteis de Beiriz, S. A. R. L.

v i t o s SWETERS *intebis*

FÁBRICA

BEIRIZ

PÓVOA DE VARZIM

ESCRITÓRIO

Rua da Constituição, 797-1.º

Telefs. 40171 / 7

PORTO

SALÃO DE CHÁ

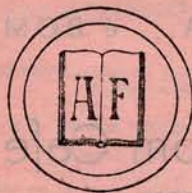
Ala-Arriba

CONFEITARIA
PASTELARIA

Rua 5 de Outubro, 50 — Telef. 62234
PÓVOA DE VARZIM

Livraria e Papelaria Académica

EDITORA



Rua Tenente Valadim, 78
PÓVOA DE VARZIM

A mais completa na sua especialidade.
Livros em todos os géneros de Literatura Moderna e Antiga.

Aceitem-se assinantes para todas as publicações saídas em fascículos, com mais variedade e economia.

FUNDADA EM 1914

SECÇÃO ALFARRABISTA:
Compra e vende livros raros e esgotados

Cabeleireiro AGUIAR

Se este salão é informado
pelo Turismo Internacional

sê-lo-à indicado e frequen-
tado por V. Ex.ª

on parle français — english spoken

RUA RODRIGUES DE FREITAS, 15
TELEF. 62125
PÓVOA DE VARZIM

se recordar é viver

viva

PREFERINDO FOTOGRAFIAS DA

FOTO
STUDIO

TELEF. 62004

POVOA DE VARZIM

A. M. Nunes

OURO, PRATA
JÓIAS, RELÓGIOS

oficinas correspondentes

RUA 5 DE OUTUBRO, 38
TELEF. 62016
PÓVOA DE VARZIM

Veloso & Quintas, L.ª

CAMISOLAS POVEIRAS

ARTIGOS REGIONAIS:

Mantas — Tapetes — Carpetes — Sacos — Bonecos

Rua 5 de Outubro, 5 — Telef. 62192 — PÓVOA DE VARZIM

SAPATARIA

Mesquita

CALÇADOS PARA OS MAIS FINOS GOSTOS

RUA 5 DE OUTUBRO
telefone, 62696 PÓVOA DE VARZIM

CAFÉ

se é da BRASILEIRA... é BOM

VENDEDOR OFICIAL:

Casa do Bom Café

CARLOS ALBERTO CARDOSO

Rua 5 de Outubro, 21 — Telefone, 62654

PÓVOA DE VARZIM

Laurentino Pinto de Mesquita

Agente de A PÁTRIA

Companhia Alentejana de Seguros

Rua Cidade do Porto, 11-1.º

Póvoa de Varzim

Gás Mobil

com o inimitável sistema
CLICK!

SAI SEMPRE À PRESSÃO

AGENTE NA PÓVOA DE VARZIM:

RIOS & C.ª, L.ª

Avenida Mousinho de Albuquerque, 33

Telefone 62216

RESTAU
RANTE



CANARINHA

CALDEIRADAS / FRANGO NO CHURRASCO

Rua Tenente Valadim, 57 - Tel. 62253

PÓVOA DE VARZIM

FILIAL EM MINDELO

Junto à Estrada Nacional

Adélio Fernandes Serra

ILUMINADOR



O bom gosto e a magia da arte de bem iluminar, são predicados que creditam este artista, como um dos melhores iluminadores do País. Os trabalhos executados por Portugal inteiro, garantiram-lhe a colaboração das melhores festas do ano.



TELEFONE, 62074

RUA 5 DE OUTUBRO, 44 — PÓVOA DE VARZIM

sapataria Lindopar

Largo Dr. David Alves, 14

As últimas novidades em calçado para

HOMEM

SENHORA

CRIANÇA

TELEFONE, 62232 — PÓVOA DE VARZIM

TABACARIA LIMA

Armando Gonçalves Lima

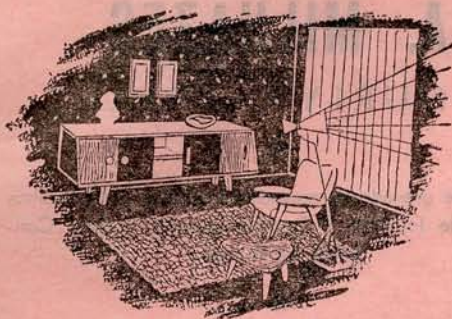
RUA DOS CAFÉS — PÓVOA DE VARZIM

TABACOS

JORNAIS

REVISTAS

FIGURINOS



Fábrica de Móveis

Marcenaria Ramos, L. da

Telefone, 62678 — PÓVOA DE VARZIM

MÓVEIS EM TODOS OS ESTILOS

COLCHOARIA

ESTOFOS

DECORAÇÕES

Séde: R. 31 de Janeiro, 108 — Filial: R. 5 d'Outubro, 25

CASA FÉLIX

DE

ARLINDO SILVA DE CASTRO

Apresenta todos os anos, os mais modernos padrões para fatos de homem, vestidos e casacos de senhoras, etc.

Unico representante na Póvoa da camisa Alemã YDURA, preferida em todo o mundo.

No seu próprio interesse faça uma visita a este estabelecimento onde poupará tempo e dinheiro.

RUA CIDADE DO PORTO, 6-A — TELEF. 62 673
PÓVOA DE VARZIM

GRACINDA GONÇALVES

ENFERMEIRA — PARTEIRA — PUERICULTORA
(Diplomada)

Rua 31 de Janeiro, 6-1.º — Telef. 62442

POVOA DE VARZIM

Casa Serra

Adélio Fernandes Serra

Pichelaria / Sanitários / Iluminações Eléctricas / Electricidade / Artigos de Menage

Rua 5 de Outubro, 44 PÓVOA DE VARZIM

Telefone, 62074

Café Recife

de LEONEL DA COSTA MACEDO

❖
O MELHOR CAFÉ
CERVEJA A COPO
SERVEM-SE PREGOS

❖
Rua Paulo Barreto, 9 / Telef. 62226 / Póvoa de Varzim

JORNALIS
REVISTAS
FIGURINOS

Quiosque Ala-Arriba

Clarisse da Cruz Gonçalves Lima

Praça do Almada — Tel. 62312
PÓVOA DE VARZIM

PASTELARIA

Poveirinha

Especialidades regionais — Serviços para casamentos, baptizados e portos de honra

RUA ALMIRANTE REIS, 14
TELEF. 62141

FILIAL:
RUA DOS CAFÉS, 20

PÓVOA DE VARZIM

CASA AMIZADE

ALBERTO MARTINHO MAIO GOMES

Bazar - Bijouterias - Brinquedos
Louças - Vidros - Candeeiros
Tabacos - Rádios - etc.

Rua 5 de Outubro, 2 • Telef. 62953 • PÓVOA DE VARZIM

A. MILHAZES

OURIVESARIA

Oficinas de gravadores, cravadores, relojoaria / Trabalhos
perfeitos de Joalheria / Transformação de Jóias / Con-
sertos garantidos.

Rua 5 de Outubro, 35 - Telef. 62284 - PÓVOA DE VARZIM
Filial em Barcelos - Rua D. António Barroso, 8 - Telef. 82579

Lai Moderno

RÁDIOS, TELEVISORES,
FRIGORIFICOS, FOGÕES, ETC.

Rua 5 de Outubro, 18
POVOA DE VARZIM



RUA 5 DE OUTUBRO
TELEFONE, 62025

EMPRESA PÓVOA-CINE, L. DA

séde:

LARGO DR. DAVID ALVES
PÓVOA DE VARZIM

Telefones — Escritório: 62124 / Bar: 62149

Proprietária - Empresária e Gerente de:

PÓVOA-CINE

PÓVOA DE VARZIM — Telef. 62124

CINE-MAR

Poça da Barca — VILA DO CONDE
Telef. 62864

Gerente de:

CINE-TEATRO GARRETT

PÓVOA DE VARZIM — Telef. 62345

CINE-TEATRO NEIVA

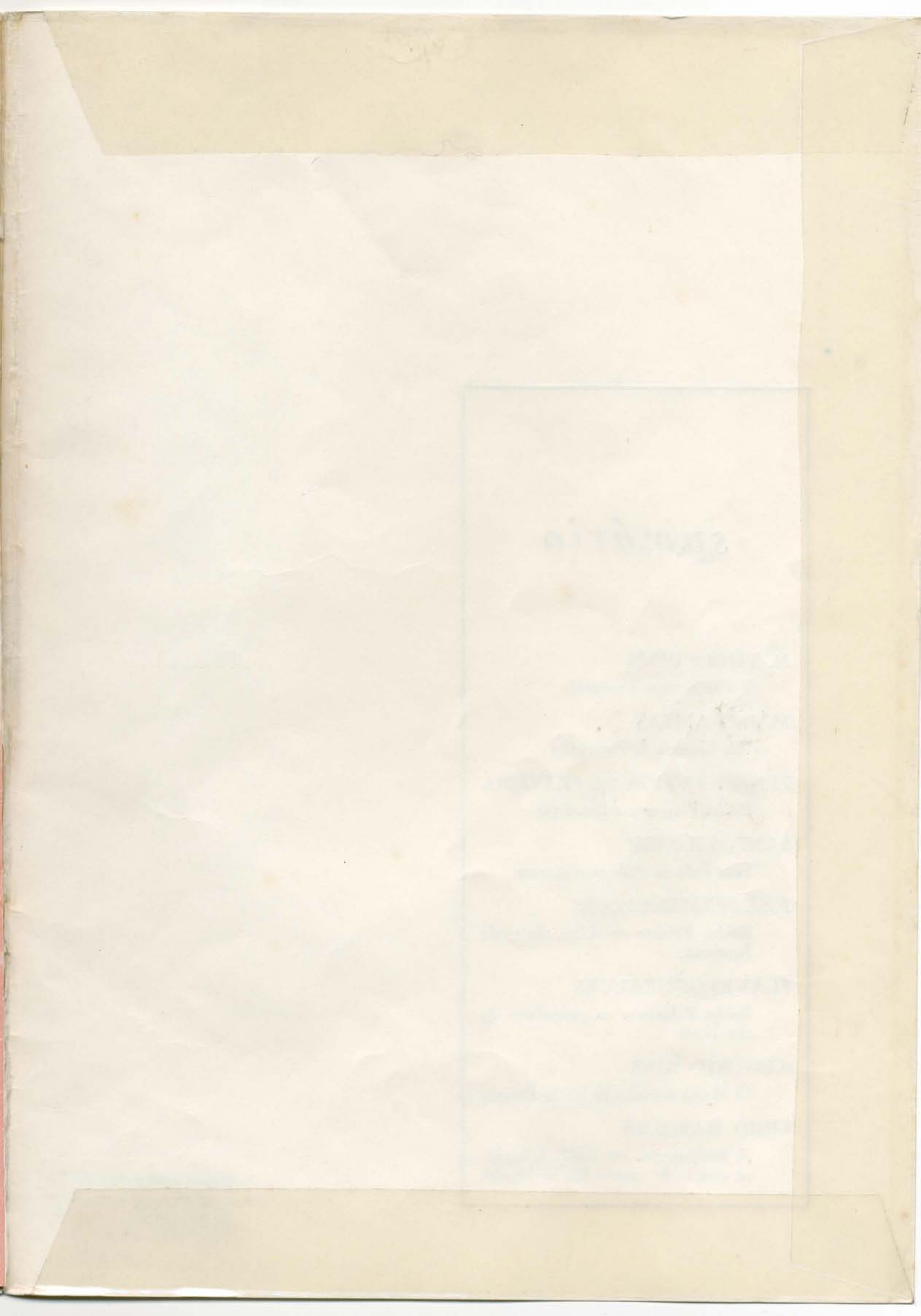
VILA DO CONDE — Telef. 63204

CINE-TEATRO
CONSTANTINO NERY

MATOSINHOS — Telef. Porto, 930228

28 ANOS ao serviço da Póvoa e dos espectáculos públicos

B. M.
P. V.



sumário

M. VIEIRA DINÍS

Rocha Peixoto Etnógrafo

MÁRIO AREIAS

"Os homens da Portugália"

ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA

Rocha Peixoto e a Etnologia

SANTOS JÚNIOR

Pelo dedo se conhece o gigante

JOSÉ FERREIRA LOPES

Rocha Peixoto — Uma lição de Juventude

FLÁVIO GONÇALVES

Rocha Peixoto e os pescadores da sua Terra

AUGUSTO DIAS

O último trabalho de Rocha Peixoto

LÍDIO MARQUES

A inauguração, em 1947, da lápide na casa onde nasceu Rocha Peixoto